

O uso excessivo de antidepressivos e ansiolíticos entre adolescentes e jovens

Excessive use of antidepressants and anxiolytics among adolescents and young people

Uso excesivo de antidepresivos y ansiolíticos entre adolescentes y jóvenes

Recebido: 12/09/2022 | Revisado: 24/09/2022 | Aceitado: 26/09/2022 | Publicado: 04/10/2022

Daniel Macedo dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1100-0079>
Faculdade Integrada Carajás, Brasil
E-mail: danielmacedo1607@gmail.com

Maria Alice Silva de Góes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9533-733X>
Faculdade Integrada Carajás, Brasil
E-mail: alicegoes.00@outlook.com

Carolinne Oliveira Marquez

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6556-5094>
Faculdade Integrada Carajás, Brasil
E-mail: carolzinhaoliveiramarquez@yahoo.com.br

Resumo

A atuação preventiva dos farmacêuticos pode ocorrer na farmácia de balcão e clínica, neste aspecto, a utilização de antidepressivos por jovens e adolescentes ocorre sobretudo em decorrência de doenças psicológicas, sendo as principais depressão e ansiedade. Porém, há uma problemática que envolve a utilização abusiva desses fármacos e os reflexos negativos no organismo desses usuários. Por isso, a importância da conscientização do paciente através da atenção e assistência farmacêutica. Este estudo objetiva analisar a utilização de antidepressivos em pacientes jovens e adolescentes para o controle da depressão e ansiedade destacando os principais efeitos de sua utilização em excesso. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura na qual as plataformas de consulta delimitadas são: Google Acadêmico, SciELO, LILACS e Repositórios Institucionais. Para isto, utilizou-se os seguintes descritores de pesquisa: Antidepressivo; Uso Abusivo de Medicamentos; Farmácia Preventiva; Jovens e Adolescentes. Delimitou-se a aplicação de alguns critérios: temporalidade - artigos publicados em 2017-2022; metodológico - revisões literárias, integrativas, sistemáticas e pesquisas de campo. Neste aspecto, pode-se dizer que a depressão na adolescência é uma das principais condições adquiridas pelos jovens, uma vez que entre 4 adolescentes¹ é acometido por sintomas depressivos, que é um grave problema de saúde, principalmente relacionado ao seu meio ambiente. Destaca-se que a automedicação com antidepressivos tornou-se um hábito comum, e que traz muitas preocupações de saúde pública por isso a necessidade de intervenção farmacêutica para conscientização da família e dos pacientes.

Palavras-chave: Antidepressivo; Uso abusivo de medicamentos; Farmácia preventiva; Jovens e adolescentes.

Abstract

The preventive action of pharmacists can occur in over-the-counter and clinical pharmacy, in this aspect, the use of antidepressants by young people and adolescents occurs mainly as a result of psychological diseases, the main ones being depression and anxiety. However, there is a problem that involves the abusive use of these drugs and the negative effects on the body of these users. Therefore, the importance of patient awareness through pharmaceutical care and assistance. This study aims to analyze the use of antidepressants in young patients and adolescents to control depression and anxiety, highlighting the main effects of their excessive use. This is an integrative literature review in which the delimited consultation platforms are: Google Scholar, SciELO, LILACS and Institutional Repositories. For this, the following search descriptors were used: Antidepressant; Abusive Use of Medicines; Preventive Pharmacy; Youth and Adolescents. The application of some criteria was limited: temporality - articles published in 2017-2022; methodological - literary, integrative, systematic reviews and field research. In this aspect, it can be said that depression in adolescence is one of the main conditions acquired by young people, since among 4 adolescents¹ they are affected by depressive symptoms, which is a serious health problem, mainly related to their environment. It is noteworthy that self-medication with antidepressants has become a common habit, which brings many public health concerns, hence the need for pharmaceutical intervention to raise awareness of the family and patients.

Keywords: Antidepressant; Abusive use of medicines; Preventive pharmacy; Youth and adolescents.

Resumen

La acción preventiva de los farmacéuticos puede darse en farmacia de venta libre y clínica, en este aspecto, el uso de antidepresivos por parte de jóvenes y adolescentes se da principalmente como consecuencia de enfermedades psicológicas, siendo las principales la depresión y la ansiedad. Sin embargo, existe un problema que involucra el uso

abusivo de estas drogas y los efectos negativos en el organismo de estos usuarios. De ahí la importancia de la concienciación del paciente a través de la atención y asistencia farmacéutica. Este estudio tiene como objetivo analizar el uso de antidepresivos en pacientes jóvenes y adolescentes para el control de la depresión y la ansiedad, destacando los principales efectos de su uso excesivo. Esta es una revisión integradora de literatura en la que las plataformas de consulta delimitadas son: Google Scholar, SciELO, LILACS y Repositorios Institucionales. Para ello, se utilizaron los siguientes descriptores de búsqueda: Antidepresivo; Uso Abusivo de Medicamentos; Farmacia Preventiva; Juventud y Adolescencia. La aplicación de algunos criterios fue limitada: temporalidad - artículos publicados en 2017-2022; metodológico – revisiones literarias, integradoras, sistemáticas e investigaciones de campo. En este aspecto, se puede decir que la depresión en la adolescencia es una de las principales condiciones que adquieren los jóvenes, ya que entre 4 adolescentes¹ se ven afectados por síntomas depresivos, lo cual es un grave problema de salud, principalmente relacionado con su entorno. Es de destacar que la automedicación con antidepresivos se ha convertido en un hábito común, lo que trae muchas preocupaciones de salud pública, de ahí la necesidad de la intervención farmacéutica para concientizar a la familia y los pacientes.

Palabras clave: Uso abusivo de medicamentos; Farmacia preventiva; Juventud y adolescencia.

1. Introdução

O uso de psicofármacos tem aumentado consideravelmente nos últimos anos possivelmente em decorrência das diversas exigências do mundo moderno. Sendo esses medicamentos de extrema importância para o tratamento dos mais variados transtornos mentais (Barbosa *et al.*, 2022).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o número estimado de pessoas com depressão em todo o mundo é de cerca de 300 milhões e dentre essas, 800 mil morrem por suicídio a cada ano, sendo a segunda principal causa de morte entre pessoas com idade entre 15 e 29 anos. As taxas de prevalência de depressão variam de acordo com a idade, ocorrendo principalmente na idade adulta, todavia pode ocorrer em crianças, adolescentes e jovens de todas as faixas etárias (Zuanazzi; Grazziotin, 2018).

Os transtornos mentais que acometem crianças, adolescente e jovens, exercem um grande impacto negativo no funcionamento social, escolar e familiar desse grupo e pode aumentar o risco de suicídio ocasionado principalmente pelo transtorno depressivo (Valença *et al.*, 2020).

De acordo com a OMS, a depressão é um transtorno mental caracterizado não somente pelo sentimento de tristeza, mas também pela irritabilidade, perda de interesse ou prazer nas atividades diárias, desatenção, perda de memória, diminuição da autoestima e alterações no sono ou apetite, entre outros 17 sintomas listados. Essa doença pode ter causas genéticas, ambientais e ainda psicossociais (Moura, 2017).

O aumento dos casos de depressão entre adolescentes e jovens é uma evidência concreta e está sendo caracterizado como o mais novo mal-estar do século, no entanto, a real causa de sua incidência ainda não foi totalmente esclarecida (Wilkon *et al.*, 2021).

Existe na atualidade um excesso de medicalização principalmente na infância e adolescência devido a criação de uma série de padrões pré-estabelecidos que tem feito com que sinais e sintomas considerados normais, ou próprios de algumas fases da vida, passem a ser tratados como transtornos mentais, e por este motivo indiscriminadamente passando a ser medicalizados. (Santos *et al.*, 2021).

Todavia, de acordo com Sadock, et al., (2017), os quadros de ansiedade, alterações de humor e até mesmo momentos fazem parte do desenvolvimento humano, e em uma fase repleta de mudanças como a adolescência serão ainda mais frequentes. Entretanto, percebe-se que cada vez mais adolescentes fazem uso de psicofármacos, sem que tenham ao menos uma análise diagnóstica mais apurada.

Diante disso, embora os transtornos de ansiedade sejam bastante frequentes em adolescentes e jovens deve-se avaliar criteriosamente a utilização de psicofármacos nessa população. Embora a farmacoterapia seja um dos pilares do tratamento da

depressão, várias questões sobre a utilização de agentes antidepressivos e ansiolíticos na faixa etária de adolescentes e jovens ainda permanecem sem respostas definitivas e são fontes de intensos debates (Moura *et al.*, 2018).

Assim, essa pesquisa visa contribuir para a investigação da possível relação entre ansiedade e depressão e o abuso de substâncias psicoativas por parte de adolescentes e jovens visando compreender se essa classe medicamentosa e suas aplicações é indispensável. E desta forma, o objetivo deste trabalho é analisar a utilização de antidepressivos em pacientes jovens e adolescentes para o controle da depressão e ansiedade destacando os principais efeitos de sua utilização em excesso.

2. Metodologia

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que para Sousa *et al.*, (2017, p.17) trata-se “de um método que permite a síntese de conhecimento e incorporação dos resultados de estudos significativos na prática”, assim levando em consideração que essa metodologia permite a análise dos resultados de outras pesquisas, trata-se do método adequado para este trabalho.

Desta forma, através de uma abordagem qualitativa de pesquisa, os artigos e revisões utilizados neste trabalho foram encontrados nas seguintes plataformas de pesquisa: Google Acadêmico, SciELO, LILACS e Repositórios Institucionais. Foram pesquisados através dos seguintes descritores: “Antidepressivo”; “Uso Abusivo de Medicamentos”; “Farmácia Preventiva”; “Jovens e Adolescentes”. Os artigos serão selecionados em língua portuguesa, com datas de publicação entre os anos de 2017-2022.

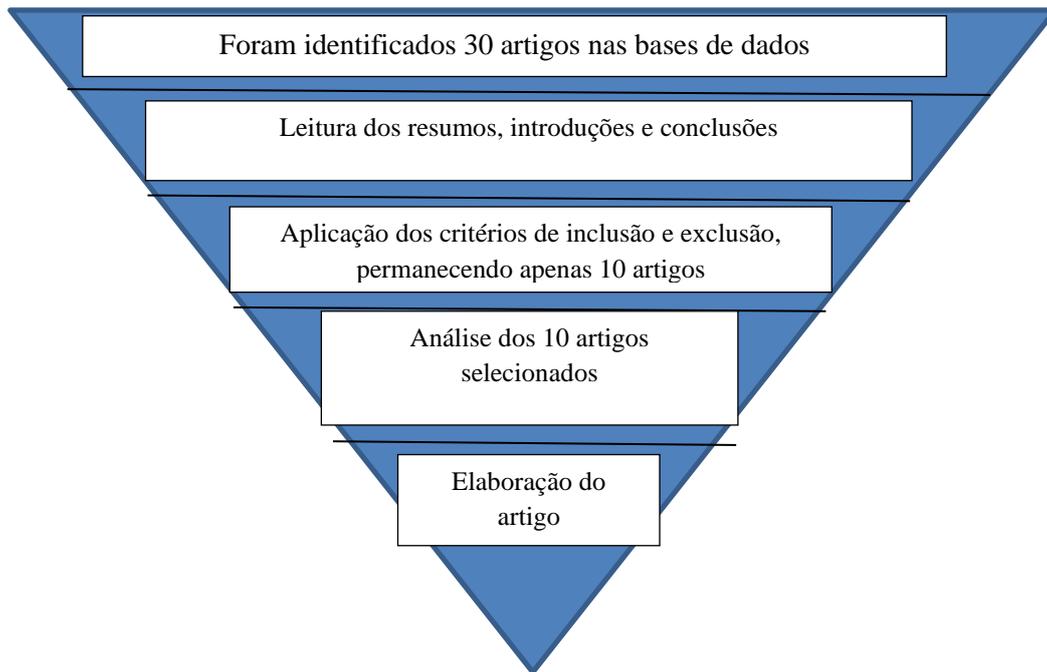
Destaca-se ainda, que esta pesquisa ocorreu por meio do levantamento das seguintes informações de identificação: título periódico, título do artigo, autores, ano de publicação e idioma. Nas análises metodológicas serão descrito o tipo de estudo, objetivo ou questão de investigação, nível de evidência, resultados e conclusão.

Os critérios de inclusão dessa pesquisa são: artigos em acesso online aberto, descritos em língua portuguesa e que contemplem a questão norteadora: “Quais os principais malefícios na utilização abusiva de antidepressivos no tratamento de depressão e ansiedade em jovens e adolescentes? Os critérios de exclusão são dados pelos artigos fora da temática estabelecida, artigos duplicados, incompletos, e de outra natureza, tais como resumo de congressos, monografias e teses.

3. Resultados e Discussão

Durante a coleta de dados foram analisados previamente 30 artigos, nos quais foram lidos previamente os resumos, introdução e conclusões, permanecendo selecionados para desenvolvimento desta pesquisa 6 artigos, logo após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão (Figura 1), onde foram utilizados para a realização dessa pesquisa. Durante a seleção dos artigos vários critérios foram exigidos para a finalização do trabalho (Figura 1).

Figura 1. Seleção dos artigos utilizados no desenvolver do trabalho.



Fonte: Elaboração do autor (2022).

Sendo assim, através da Figura 1 é possível perceber as etapas de pesquisa que resultaram na elaboração do presente artigo, buscou-se ainda, estabelecer os critérios de temporalidade: o período de publicação dos artigos analisados entre os anos 2017-2022, e ainda o critério de metodologia: revisões sistemática, bibliográfica, integrativa e de campo, ambas com conexão com o objetivo central deste trabalho. Segue abaixo a Tabela 1 com a determinação do título, tipo de pesquisa, autoria e ano e o objetivo da pesquisa.

Tabela 1: Classificação dos artigos por título, tipo de pesquisa, autoria, ano e objetivo.

Título	Tipo de Pesquisa	Autoria/Ano	Objetivo
O uso de antidepressivos na adolescência e sua automedicação.	Revisão Integrativa da Literatura	Barboza <i>et al.</i> , (2021)	Verificar quais as principais características de uso de antidepressivos na adolescência e sua automedicação como também um dos principais motivos que ocasiona a depressão na adolescência.
Análise da dispensação de antidepressivos e ansiolíticos em uma farmácia comercial do noroeste do Rio Grande do Sul.	Estudo Retrospectivo.	Transversal Zuanazzi e Grazziontin (2018)	Analisar a dispensação de medicamentos antidepressivos e ansiolíticos em uma farmácia comercial localizada na cidade de Paim Filho.
Prescrição e uso de antidepressivos em crianças e adolescentes – uma revisão de literatura	Revisão Bibliográfica.	Valença, Guimarães e Siqueira (2020)	Identificar a ocorrência dos fatores relacionados à presença de drogas e suas variáveis, em crianças e adolescentes.
Uso de psicofármacos em crianças e adolescentes.	Pesquisa Bibliográfica.	Moreira <i>et al.</i> , (2017)	Descrever por meio da pesquisa integrativa o uso dos psicofármacos em crianças e adolescentes e sua influência.
Analisando os distúrbios funcionais do transtorno de ansiedade em adolescentes de 14 a 19 anos pela terapia ocupacional.	Intervenção com enfoque quanti-qualitativo.	Santos <i>et al.</i> , (2021)	Investigar o nível de perdas funcionais e sintomatologia de ansiedade, depressão e estresse em alunos do ensino fundamental e médio que alterassem a realização de atividades diárias e suas implicações na saúde dos adolescentes.
Prescrição e uso de antidepressivos em adolescentes: uma revisão sistemática	Revisão Sistemática da Literatura.	Souza, Silva e Piva (2022)	Realizar uma revisão sistemática da literatura sobre o uso e prescrição de antidepressivos em adolescentes de 10 a 19 anos de idade.

Fonte: Elaboração do autor (2022).

Após a coleta e revisão dos artigos selecionados na Tabela 1, atentando para seus objetivos, percebe-se semelhanças entre eles e o tema central deste estudo. Portanto, o objetivo primário deste estudo foi analisar a utilização de antidepressivos em pacientes jovens e adolescentes para o controle da depressão e ansiedade destacando os principais efeitos de sua utilização em excesso. Com isso, o tema visa relatar as principais consequências do uso de antidepressivos sem acompanhamento médico, principalmente o que pode levar a sintomas depressivos em adolescentes.

3.1 Principais transtornos mentais que acometem jovens e adolescentes

Atualmente os padrões de adoecimento entre o grupo de adolescentes e jovens tem se modificado consideravelmente. Apresentando uma prevalência de cerca de 10 a 20% de problemas de cunho emocional, fazendo com que os problemas de saúde mental entre esses indivíduos, sejam altamente persistentes e caracterizem fatores preponderantes de prejuízos durante a vida adulta (Dias *et al.*, 2020).

Segundo Bernardes *et al.*, (2020) cerca de 45% da sobrecarga de doenças que acometem adolescentes e jovens entre a faixa etária de 10 e 24 anos, ocasionam incapacidade nessa faixa etária e está relacionado aos transtornos neuropsiquiátricos. Os autores ainda citam que um estudo de base populacional conduzido no estado de São Paulo - Brasil, demonstrou que a idade média de início de transtornos psiquiátricos é mais precoce para os transtornos de ansiedade (13 anos de idade) e transtornos do controle de impulsos (14 anos de idade), quando comparados aos transtornos de abuso de substâncias (24 anos de idade) e transtornos do humor (36 anos de idade).

Dentre os transtornos mentais que acometem esse grupo específico cerca de 90,0% são considerados transtornos não psicóticos. Nos quais são denominados transtornos mentais comuns (TMC), caracterizados principalmente pela presença de sintomas de depressão e ansiedade, além de diversas queixas inespecíficas e somáticas que podem ser manifestações iniciais e menos específicas de transtornos mentais mais graves, e estão relacionadas a prejuízos nas relações sociais e no aproveitamento escolar dessa população (Damasceno *et al.*, 2019).

De acordo com Souza *et al.* (2021) a sintomatologia depressiva é cada vez mais significativa em adolescentes e jovens, sendo considerada a doença mais frequente nesta fase. O que torna essa doença preocupante e um problema de saúde pública, pois apresenta altas taxas de reincidência e tem consequências que podem acompanhar a vida inteira do jovem de forma a debilitá-la.

O desenvolvimento da depressão pode estar relacionado ao funcionamento bioquímico inadequado da atividade de neurotransmissores, notadamente da serotonina, noradrenalina e dopamina. Todavia, cada vez mais, aceita-se a ideia de que a depressão não pode ser atribuída exclusivamente ao hipofuncionamento desses neurotransmissores ou à diminuição de seus níveis no cérebro. Podendo se tratar de uma fisiopatologia multifatorial (Valença *et al.*, 2020).

Desta forma, quando se desenvolve pode ter impactos no desenvolvimento, comprometendo os aspectos acadêmicos, familiares, sociais, cognitivos e psicológicos, sendo muito provável que haja uma relação entre pré-disposição genética associada à influência de fatores ambientais (Sadock, et al., 2017).

Alguns fatores de risco também podem estar associados e envolvem: possuir parentes de 1º grau com o transtorno (especialmente aqueles que o desenvolveram de forma precoce — herança moderada), fatores ambientais, fatores perinatais (como baixo peso ao nascimento) e a ocorrência de eventos adversos na vida (Sadock, et al., 2017).

Os transtornos ansiosos por sua vez, são definidos por quadros clínicos em que esses sintomas são primários, ou seja, não são derivados de outras condições psiquiátricas (depressões, psicoses, transtornos do desenvolvimento, transtorno hipercinético etc.). E são os quadros psiquiátricos mais comuns tanto em crianças, adolescentes e adultos jovens com uma prevalência estimada durante o período de vida de cerca de 9 e 15% respectivamente (Castilho *et al.*, 2020).

Se caracteriza como um estado persistente de preocupação crônica, excessiva e invasiva que é acompanhada por sintomas físicos e/ou mentais que causa sofrimento significativo ou prejuízo funcional diário. E assim como a depressão impacta diretamente na vida cotidiana, em etapa de importantes aquisições escolares e profissionais, pela presença de sintomas como: físicos (taquicardia, tensão muscular, palpitações, boca seca, hiperventilação e sudorese); os comportamentais (agitação, insônia, reação exagerada a estímulos e medos, nervosismo, apreensão, preocupação, irritabilidade); e/ou cognitivos: inquietação, distraibilidade, dificuldade de concentração (Santos *et al.*, 2021).

Conforme Moura *et al.* (2018) descreveram um indivíduo com transtorno ansioso pode apresentar uma diminuição de sua capacidade funcional e buscar incessantemente ressignificar sua forma de pensar e agir. Outro fator preocupante a esse grupo, é dado pela escassez de serviços dedicados à promoção de saúde mental de crianças e adolescentes, especialmente desenvolvidas pelo setor público brasileiro (Santos *et al.*, 2021).

Nesse sentido, considera-se como pertinentes as intervenções de saúde mental que tenham a finalidade de minimizar tais prejuízos. E a medicalização, traz consequências positivas ou negativas para adolescentes e jovens, a curto ou a longo prazo. (Dias *et al.*, 2020).

Assim, entre os benefícios, apesar de não agirem diretamente nas causas das patologias acarretam a cura ou amenização dos sintomas a serem tratados, e alguns profissionais os indicam para o aumento a qualidade de vida por promoverem melhor convívio social.

3.2 Uso de antidepressivos e ansiolíticos por jovens e adolescentes

Nos últimos anos uso de drogas psicotrópicas e a prescrição de tais medicamentos vem aumentando. Talvez dado por todas as tribulações do dia a dia, com relação a vida familiar, trabalho, trânsito intenso, luto, traumas psicológicos, entre outros fatores, uma das alternativas que as pessoas procuram é a utilização de medicamentos psicotrópicos para dormir melhor ou para ter maior rendimento no trabalho, que pode fazer com que muitos indivíduos procurem primeiramente o tratamento medicamentoso (Zuanizzi, Grazziotin, 2020).

A partir da expansão dos psicofármacos e da sua supervalorização do uso de tais medicamentos, seja por sua eficácia ou pela exploração de mercado pela indústria farmacêutica ou médica-tecnológica, amplia-se seu foco de atuação, passando a ser utilizada desde situações mais brandas e conflituais da adolescência até estados sintomáticos mais graves. Porém, seja qual for o diagnóstico, em muitos casos, problemas que podem ser da ordem social e são apresentados pelos adolescentes encontram uma prescrição medicamentosa (Valença, et al., 2020).

O uso de psicofármacos por crianças, adolescentes e jovens está se tornando mais frequente com a disponibilidade de novos medicamentos e mais conhecimento sobre as indicações para o uso desses fármacos. Esse tipo de medicamento está indicado nos transtornos de comportamento. Todavia ainda não há consenso sobre a definição desses transtornos, visto que podem variar em diferentes culturas (Valença *et al.*, 2020).

Pereira *et al.*, (2019) argumentam que diversos transtornos têm levado à prescrição de ansiolíticos e anticonvulsivantes, dentre os quais se destacam os benzodiazepínicos. Entretanto, os pesquisadores ponderam que em muitos casos a prescrição se dá de maneira indiscriminada, sem levar em consideração os efeitos colaterais, bem como os aspectos biopsicossociais de cada paciente.

Contudo, Santos, et al., (2019) citam que a escolha e o início da intervenção medicamentosa, devem ser baseados na história do paciente, na situação clínica atual e no plano de tratamento. Afirmam que os profissionais psiquiatras devem conhecer o propósito ou o objetivo do ensaio com o medicamento, o período em que o mesmo medicamento precisa ser administrado para avaliar sua eficácia, a abordagem a ser tomada para se reduzir quaisquer possíveis efeitos adversos, estratégias medicamentosas alternativas a serem utilizadas caso a atual falhe e as indicações para a manutenção do regime de longo prazo.

Valença *et al.* (2020) descreveram ainda que um número substancial de crianças e adolescentes é afetado por doenças psiquiátricas e para muitas delas, o uso de medicamentos é importante e uma opção terapêutica pois as desordens psiquiátricas tendem a persistir ao longo do tempo e podem continuar na vida adulta aumentando o risco de psicopatologias futuras.

Desta forma, o uso dos medicamentos é essencial para cumprimento do tratamento e o uso abusivo das substâncias pode ocasionar efeitos colaterais, por isso a importância de se conhecer as consequências do uso indevido de psicofármacos.

3.3 Consequências do uso indevido de psicofármacos

Com o aumento do crescimento do conhecimento sobre a biologia do funcionamento cerebral normal ou anormal, a prática da psicofarmacologia clínica evoluiu quanto a seus objetivos e efetividade (Lopez *et al.*, 2019). Assim, o questionamento do uso de psicofármacos tem sido assunto desde 1950, quando o primeiro neuroléptico começou a ser utilizado. No entanto, na atualidade este tema tem tomado as páginas de jornais e revistas, graças ao avanço na tecnologia das indústrias farmacêuticas. E apesar da promoção do uso desses novos fármacos, os dados sobre essas drogas continuam ainda a serem muito escasso sobretudo dos seus efeitos a longo-prazo (Barbosa, et al., 2020).

A indicação dessas drogas para o tratamento de problemas de saúde mental em crianças e adolescentes e jovens traz preocupação devido ao risco principalmente de indicações tenderem a banalizar o uso como uma solução imediata e não como um recurso possível a partir da avaliação risco-benefício. Desta forma é preciso ponderar se a relação risco-benefício potencial da droga justifica seu emprego e se outros recursos foram devidamente explorados (Wilkon *et al.*, 2021).

Segundo Dias *et al.* (2020) a medicalização pode trazer consequências positivas ou negativas ao grupo de crianças, adolescentes e jovens, sendo gerados a curto ou a longo prazo. E trazem como benefícios a cura ou amenização dos sintomas a serem tratados. Todavia, a medicalização, podem trazer efeitos adversos negativos tais como: sedação, aumento do apetite, agravamento de depressão, tentativa de suicídio, problemas metabólicos ou cardiovasculares como obesidade e risco maior de diabetes.

Destaca-se que Valença *et al.* (2020), a utilização de psicofármacos com imprudência pode ocasionar também efeitos de dependências tóxicas aos jovens, visto que, muitas vezes o jovem faz uso indevido de tais substâncias por não conseguir lidar com as aflições do dia a dia utilizando a medicação como uma fuga da realidade onde está inserido.

Conforme demonstrado por Bernardes *et al.* (2020), em uma pesquisa realizada na Universidade Federal de Jataí, foi observado que entre os estudantes de medicina os antidepressivos estão em segundo lugar com relação as medicações de uso sem orientação médica, ficando atrás apenas dos antibióticos o que pode levar ou favorecer a dependência química. Fator visto como preocupante pela dificuldade de seguir com protocolos de tratamento adequados, interrompendo-o como até mesmo fazendo o uso de apenas uma dose da medicação sem seguir a posologia adequada.

Assim, a maioria dos medicamentos utilizados podem levar a um elevado risco de dependência, e a interrupção de forma brusca dessas drogas pode levar a uma série de efeitos negativos como: insônia, exaustão, demonstrando a necessidade da retirada gradual que em grandes partes das vezes não acontece (Wilkon *et al.*, 2021). Desta forma, estudos recentes trazem diversas revelações preocupantes acerca da utilização de psicofármacos em crianças, adolescentes e jovens.

3.4 O papel do farmacêutico no uso correto dos psicofármacos

É importante ressaltar que o farmacêutico tem um papel importante nesse processo, tendo a Política Nacional de Assistência Farmacêutica (PNAF) como um de seus pilares, trabalhando com o tratamento desse usuário. O PNAF inclui um conjunto de ações voltadas à promoção, proteção e recuperação da saúde (individual e coletiva), tendo os medicamentos como insumo essencial, visando ao acesso e uso racional dos medicamentos. Além disso, nas ações de atenção farmacêutica focadas no usuário, há uma interação direta entre farmacêutico e usuário com o objetivo de alcançar uma gestão medicamentosa eficaz, ou seja, um tratamento medicamentoso racional com resultados claros e mensuráveis, melhorando a qualidade de vida do paciente. (Damasceno *et al.*, 2019).

A atuação do farmacêutico faz parte de um modelo de prática que envolve a interação direta entre farmacêuticos e usuários. Nesse caso, pode ajudar pacientes jovens e adolescentes com transtornos de humor, como depressão, como ansiedade a se recuperarem, orientando-os sobre a doença e os medicamentos psiquiátricos indicados. Os farmacêuticos devem ter conhecimento clínico e habilidades para ajudar os pacientes a melhorar. Essas habilidades incluem abordagens de atenção farmacêutica, que incluem atitudes, valores éticos e responsabilidade compartilhada pela prevenção de doenças e promoção e recuperação da saúde (Souza *et al.*, 2021).

Destaca-se que os psicofármacos são de relativa importância no tratamento de diversos distúrbios, estão entre as técnicas de enfermagem disponíveis e devem ser considerados, mas de forma alguma obrigatórios. Promover o uso racional de medicamentos torna-se assim um desafio, dependendo de uma série de variantes, das quais a medicalização parece ser um fenômeno que requer atenção interdisciplinar, seja de médicos, farmacêuticos e educadores, ou sociedade como um todo. (Lopes, et al., 2019).

Assim, os farmacêuticos, com base em sua extensa formação profissional, são capazes de discutir e compreender questões terapêuticas e clínicas devido ao seu conhecimento em diversas áreas. Trata-se de um profissional sério, que deve atuar dentro dos limites de suas atividades de modo a orientar os jovens e adolescentes no consumo de medicamentos.

3.5 Depressão em Jovens e Adolescentes

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência é o período da vida em que surgem as características sexuais secundárias e se desenvolvem processos mentais e padrões de reconhecimento, desde a infância até a idade adulta. Estes incluem a transição de um estado dependente para um estado relativamente autônomo. A adolescência é

considerada o período entre os 10 e os 19 anos, havendo uma distinção entre a adolescência inicial (entre 10 e 14) e adolescência tardia (entre 15 e 19 anos). (Pires, et al., 2022).

Este é um período de dramática mudança no desenvolvimento humano, isso porque é nesse período em que ocorrem as alterações biológicas da adolescência e está relacionado à maturidade biopsicossocial do indivíduo. Em decorrência dessas alterações ocorrem crises devido às significativas transformações psicológicas e orgânicas que proporcionam manifestações especiais do comportamento normal nessa faixa etária. É justamente em decorrência desta instabilidade que os adolescentes e jovens podem ser acometidos de doenças psicológicas como depressão e ansiedade, que são respostas do organismo a situações que ultrapassam a sua capacidade de compreensão, absorção e reatividade (Barbosa, et al., 2020).

Barboza *et al.*, (2021) descrevem as mudanças psicossociais da adolescência, e destacam que nessa fase são vivenciados diversos processos de luto, que não estão correlacionados especificamente à morte, mas sim a processos de vida que são superados. Ainda para Damasceno *et al.*, (2019) apud Knobel (2007) referindo-se ao conjunto desses processos como Síndrome Normal da Adolescência (ANS), as principais perdas são: a) o corpo da criança; b) o pai durante a infância; identidade, deve ser explicada. Somam-se a essas perdas os processos de seleção emocional, autonomia parental, a descoberta gradual de que a idade adulta não é adequadamente capaz de responder e essa explosão de fluidos biológicos inerentes ao desenvolvimento.

Se os conflitos inerentes a essa fase não forem bem administrados, podem levar ao desenvolvimento de transtornos de humor, principalmente a depressão. O conceito preconceituoso de patogenicidade na adolescência, incluindo o SNA, merece críticas, pois estudos epidemiológicos têm demonstrado que a maioria dos adultos jovens não apresenta doença grave durante a adolescência, e alterações de humor, comportamentos para experimentar coisas novas, competição e limitações de testes parecem fazer parte da Características da vida adolescente, desta feita, o desequilíbrio persistente não é a norma e deve distinguir o desenvolvimento normal da psicopatologia (Moreira *et al.*, 2017).

A depressão, embora muitas vezes não detectada, é comum nessa faixa etária. Muitas vezes é debilitante e crônica, com efeitos colaterais de longo prazo, especialmente se não for tratada, destaca-se que crianças e adolescentes deprimidos tendem a ter taxas mais altas de comorbidade com outros transtornos psiquiátricos do que adultos deprimidos. Para Pirez, et al., (2022), a depressão em crianças e adolescentes está associada a comorbidades como transtornos de ansiedade em 40% dos casos e transtornos de conduta em 15% dos casos.

Segundo Lopez *et al.*, (2021) apud Steinberg e Morris (2001), há uma necessidade de se estudar o desenvolvimento do adolescente de modo a auxiliá-los em suas mudanças psicológicas, apesar do processo medicamentoso ser recomendado apenas nos casos em que há uma doença diagnosticada, e pela adolescência não ser considerada uma doença, esse desenvolvimento humano precisa ser compreendido de modo que se auxilie nestas alterações psicológicas.

Assim, a depressão na adolescência precisa ser devidamente acompanhada por profissionais de saúde, e dentro deste processo destaca-se o papel do farmacêutico que além de orientar o adolescente e o jovem depressivo precisa realizar um acompanhamento junto a família destes para evitar o abuso de medicamentos.

3.6 Ansiedade em Jovens e Adolescentes

A ansiedade refere-se à relação entre a impotência, o conflito entre a pessoa e o ambiente ameaçador e os processos neurofisiológicos que resultam dessa relação. Destaca-se que a ansiedade constitui a experiência subjetiva de um organismo em condições catastróficas, que decorre da incapacidade do indivíduo de enfrentar as exigências do ambiente e sentir-se ameaçado à sua existência ou de outros diante de uma situação. que você considera essencial. (Lemes, 2018).

Notavelmente, a ansiedade é um sentimento acompanhado por uma sensação geral de perigo que alerta as pessoas de que há algo a temer. Refere-se a um mal-estar que pode se traduzir em desempenho físico e cognitivo. As manifestações

fisiológicas incluem inquietação, hiperatividade e movimentos apressados; com manifestações cognitivas, atenção e vigilância aumentada e certos aspectos do ambiente, pensamentos e possíveis infortúnios estão presentes. Essas manifestações podem ser de curta duração ou constituir uma forma de resposta constante e permanente que pode variar em intensidade de imperceptível a níveis extremamente altos. (Lopez *et al.*, 2019).

A infância e a juventude são fases únicas na vida de um indivíduo onde nossas identidades são formadas e aprendemos a lidar com nossas emoções, que muitas vezes aparecem turbulentas nesses momentos, dando-lhes um tom único e característico. Além disso, de acordo com o que a psicanálise pensa de nós, a experiência dessas etapas é de extraordinária importância. Acontecimentos traumáticos na infância e até mesmo na adolescência se refletirão no futuro, um processo que pode levar muito tempo (Santos *et al.*, 2021).

Portanto, se não forem tratados, alguns transtornos de ansiedade se manifestam na infância e tendem a persistir em outras fases da vida.

3.7 Principais fármacos utilizados para ansiedade e depressão em jovens e adolescentes

Todos os tratamentos são baseados na possibilidade de intervenção adequada em situações de crise, pois esta é uma oportunidade de fazer o seu melhor para adaptar seu comportamento à mudança e ao diagnosticar um transtorno psiquiátrico específico, o tratamento é direcionado a ele. A primeira tarefa é realizar uma avaliação de risco para crianças e/ou terceiros. Com base nessa avaliação, proteja as crianças ou outras pessoas em risco. As indicações para internação foram: ambiente domiciliar ou institucional de risco, comportamento suicida, transtorno depressivo maior, impulsividade, agressão intensa auto e heterodirigida, psicose ou falha de tratamento ambulatorial rigoroso. (Valença, et al., 2020).

Além de avaliar o ambiente domiciliar do paciente, o envolvimento da família é fundamental para a avaliação inicial durante a coleta das informações do histórico do paciente, os medicamentos que podem funcionar para adultos podem não funcionar para adolescentes. Isso porque os adultos podem tolerar outros fármacos melhor do que os adolescentes, jovens e organismos em desenvolvimento. Por isso, é importante considerar que os organismos em desenvolvimento são biologicamente diferentes dos adultos.

Surpreendentemente, eles muitas vezes exigiam doses mais altas da droga, dadas os miligramas por quilograma por dia, para atingir níveis séricos semelhantes aos dos adultos. Essa diferença não foi totalmente elucidada e pode ser devido ao melhor funcionamento do fígado e dos rins. Além disso, deve-se ter em mente que devido à imaturidade dos anéis neuronais, o efeito da droga em adolescentes e jovens pode ser diferente (Bernardes *et al.*, 2020).

Destaca-se abaixo os principais antidepressivos utilizados em jovens e adolescentes:

- ✓ Alprazolam (Frontal[®] - 0,25 a 4 mg até 3 tomadas ao dia);
- ✓ Clonazepam (Rivotril[®] - 0,25 a 3 mg em uma a duas tomadas por dia);
- ✓ Fluoxetina (Prozac[®], Daforin[®], Verotina[®]): início com 5 a 10 mg por dia;
- ✓ Sertralina (Tolrest[®], Serenata[®]): início com 12,5 a 25 mg por dia;
- ✓ Paroxetina (Pondera[®], Cebrilin[®], Benepax[®]): início 5 ou 10 mg por dia.

Devido ao longo início de ação, não são medicamentos prescritos no pronto-socorro e podem levar até 4 semanas para que os resultados sejam vistos. As crianças devem ser encaminhadas para atendimento especializado quando houver indicação de avaliação desses medicamentos. A classe de antidepressivos mais utilizada para o tratamento de adolescentes são os inibidores seletivos da recaptção de serotonina (ISRSs), que são: fluoxetina, paroxetina, sertralina, venlafaxina e citalopram. (Santos, et al., 2019).

Quando o tratamento é iniciado, os ISRSs são altamente atrativos para o transportador seletivo de serotonina, e assim causam um aumento significativo na concentração dessa substância na fenda sináptica, característica do tratamento de curta

duração, onde os níveis de serotonina aumentam em um curto período de tempo diminuídos, mas com esse aumento a curto e longo prazo da serotonina na fenda sináptica, é possível estimular os receptores pré-sinápticos, promovendo um aumento significativo da concentração na fenda sináptica. (Souza, et al., 2022).

No entanto, após a estimulação nervosa, a serotonina aumenta com a ligação aos receptores pós-sinápticos, resultando em uma resposta antidepressiva, demonstrando a seletividade das taxas de captação de 5-HT. (Valença, et al., 2020). Assim, os inibidores seletivos da recaptção da serotonina (ISRSs), considerados antidepressivos, podem causar mais efeitos colaterais, como sinusite, faringite, sintomas semelhantes aos da gripe, insônia, dor de cabeça, fadiga, náusea e diarreia.

4. Conclusão

Algum tempo atrás, certos comportamentos de jovens e adolescentes eram considerados normais porque eram considerados de curta duração e típicos de comportamentos juvenis que eram socialmente aceitáveis. Hoje, com os avanços nas pesquisas no campo da saúde mental, sabe-se que nem sempre é assim e que certos comportamentos podem ser indicativos da presença de determinados transtornos que, se não detectados precocemente e tratados adequadamente, podem levar a sofrimento e danos graves ao jovem e ao adolescente durante seu desenvolvimento físico e mental.

O tratamento medicamentoso comparado a psicoterapia e a farmacoterapia é considerada a principal estratégia de tratamento para pessoas com depressão e ansiedade. Nesse contexto, os ISRSs se destacam como os medicamentos para depressão mais prescritos para crianças e adolescentes, pois estes apresentam alguns poucos efeitos colaterais, que fornecem um melhor perfil de segurança, um impacto claro na fisiopatologia da doença em crianças e adolescentes e, o mais importante, é o facilitador do cumprimento efetivo.

Assim, a alta incidência de depressão e ansiedade jovens e adolescentes demonstrou como é importante compreender melhor esta patologia. Embora a depressão infanto-juvenil seja relativamente nova, ela pode se tornar um problema de saúde pública em um curto período. Desta forma, o papel do farmacêutico na equipe de serviços multiprofissionais garante atendimento integral e de qualidade, pois são os profissionais mais qualificados na área da medicina.

O artigo é sugestivo de mais publicações à respeito do assunto, pois aborda um assunto de cunho coletivo e demanda observações à respeito do uso irracional desses medicamentos e as consequências provocadas pelo mesmo nos adolescentes e jovens dentro dos múltiplos campos da saúde.

Referências

- Barbosa, E. S., Rodrigues, K. D. S. R., & Abreu, C. R. (2020). antidepressivos utilizados por adolescentes assistidos no centro de atenção psicossocial (caps ii) em cidade ocidental-go. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, 3(7), 329-335.
- Barboza, M. P., Medeiros, D. B. S., Silva, N. M., & Souza, P. G. V. D. (2021). O uso de antidepressivos na adolescência e sua automedicação. *Research, Society and Development*, 10(15), 1-10.
- Bernardes, H. C., Costa, F. F., Wanderley, J. C. S., Farias, J. P., Liberato, L. S., & Vilela. (2020). Perfil epidemiológico de automedicação entre acadêmicos de medicina de uma Universidade Pública Brasileira. *Brazilian Journal of Health*, 3(4), 8631-8643.
- Damasceno, E. M. A., Santana, B. M., Santos, L. G. J., Souza, M. F. C., & Santos, E. R. (2019). Riscos de uso de antidepressivos entre jovens universitários da área da saúde. *Revista Saúde Viva Multidisciplinar da AJES*, 2(2), 34-50.
- Dias, P. F., Martins, A. A., Oliveira, G. L. S. O., Alvares, L. E. M., Jesus, R. N., & Nascimento, D. B. (2020). Contexto e consequências do uso de psicofármacos em crianças e adolescentes. *Revista em Saúde*, 8(1), 456-477.
- Lemes, A. S. Uso de antidepressivos na infância e adolescência. *Repositório da Universidade Federal de Juiz de Fora*, Trabalho de Conclusão de Curso, p1-55. 2018.
- Lopes, C. S., Cotuim, M. D. F., & Augusto, S. R. L. S. (2019). Uso de antidepressivos por crianças e adolescentes e o risco de comportamentos violentos e suicidas. *Repositório Universidade Coimbra*, 5(6), 9-19.
- Lopez, M. R., Ribeiro, J. P., Ores, L. C., Jansen, K., Souza, L. D., Pinheiro, R. T., & Silva, R. A. (2019). Depressão e qualidade de vida em jovens de 18 a 24 anos no sul do Brasil. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 33(2), 103-108.

- Moreira, M. S., Morais, R. G., Moreira, E. A., Leite, S. F., Teixeira, C. C., Silva, M. E., & Freitas, D. F. (2017). Uso de psicofármacos em crianças e adolescentes. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, 12(2), 1013-1049.
- Moura, I. M., Rocha, V. H. C., Bergamini, G. B., Samuelsson, E., Joner, C., Schneider, L. F., & Menz, P. R. (2018). A terapia cognitivo-comportamental no tratamento do transtorno de ansiedade generalizada. *Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente*, 9(1), 423-444.
- Pereira, F. G. F., Carvalho, M. R. D., Figueiredo, I. G. D. A., Nascimento, D. D. S., Benício, C. D. A. V., & Leal, J. D. V. (2019). Automedicação em adolescentes da rede estadual de ensino na cidade de Picos / Piauí. *Research, Society and Development*, 7(6), 1-14.
- Pires, C. S., Bezerra, M. A. L., & Amorim, A. T. (2022). Consumo de psicofármacos entre adolescentes durante a pandemia da Covid-19. *Research, Society and Development*, 11(7), 1-7.
- Sadock, B. J., Sadock, V. A., & Ruiz, P. (2017). *Compêndio de Psiquiatria – Ciência do Comportamento e Psiquiatria Clínica*, (11ª edição): Editora Artmed, 2017.
- Santos, E. S. P., Andrade, C. M., & Bohomol, E. (2019). Prática da automedicação entre estudantes de ensino médio. *Cogitare Enfermagem*, 24(6), 1-10.
- Santos, T. S., Tavares, J. S. L., Donelate, C., & Silva, A. M. B. F. (2021). Analisando os distúrbios funcionais do transtorno de ansiedade. *RECISATEC-Revista Científica saúde e Tecnologia*, 1(2).
- Sousa, L. M. M., Marques-Vieira, C. M. A., Severino, S. S. O., & Antunes, A. V. (2017). A metodologia de revisão integrativa da literatura em enfermagem. *Revista Investigação em Enfermagem*, 17(26), 1-10.
- Souza, A. L., Silva, W. R., & Piva, L. (2022). Prescrição e uso de antidepressivos em adolescentes: uma revisão sistemática. *Scire Salutis*, 12(1), 253-261.
- Souza, M. S. P., Lia, R. L. M. L., Amorim, A. T., & Santos, T. A. (2021). Uso de antidepressivos e ansiolíticos entre estudantes do curso de farmácia em uma instituição privada e uma pública do interior da Bahia. *Research, Society and Delevopment*, 10(8), 1-8.
- Valença, R. C. P., Guimarães, S. B., & Siqueira, L. (2020). Prescrição e uso de antidepressivos em crianças e adolescentes—uma revisão da literatura. *Brazilian Journal of Development*, 6(12), 94860-94875.
- Wilkon, N. W. V., Rufato, F. D., & Silva, W. R. (2021). Psychotropic drugs use in young university students. *Research, Society and Development*, 10(17), 1-17.
- Zuanazzi, C. A., & Grazziotin, N. A. (2018). Análise da dispensação de antidepressivos e ansiolíticos em uma farmácia comercial do noroeste do Rio Grande do Sul. *Perspectiva-Erlechim*, 44(165), 153-160.